

Treinamento de Habilidades Sociais em Grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas*

Training of Social Skills in Group: A Intervention with Playful Tasks

Renata Magalhães Naves¹
Raquel Cardoso Borges Rotundo¹
Kárita Donizete Rodrigues de Carvalho¹
Fábio Henrique Baia¹

Resumo

Este trabalho objetivou ampliar repertório de habilidades sociais (HS) utilizando tarefas lúdicas. Participaram 163 alunos (7 a 10 anos) de duas escolas particulares. Realizaram-se entrevistas em que agentes educacionais e pais relataram ocorrência de comportamentos não habilidosos socialmente. Foi utilizada observação direta para mensuração e comparação de comportamentos durante linha de base (LB) e intervenção. Os dados da LB variam entre 55% e 70% de comportamentos não habilidosos. A intervenção consistiu no Treino de HS, utilizando discussão com os participantes de cenas de filmes, além de treinos de seguimento de regras e oficinas para desenvolvimento de HS. Os resultados revelam aumento da emissão de comportamentos socialmente habilidosos (75%) e redução de comportamentos não habilidosos (25%). Conclui-se que o programa de intervenção foi bem sucedido.

Palavras-Chave: Treino de habilidades sociais; intervenção secundária; tarefas lúdicas; seguimento de regras.

Abstract

This study was aimed at expanding the repertoire of social skills (SS) using ludic tasks. 163 students -- aged 7 to 10 years old -- from two private schools took part in this study. Interviews were made in which educational agents and parents reported occurrence of non-socially skilled behavior. Direct observation was used for measurement and comparison of behaviors during baseline (BL) and intervention. The data from BL vary between 55% and 70% of non-skilled behavior. The intervention consisted of SS Training, using discussion with the participants of movie scenes, besides training of rule-following and workshops for the development of SS. The results show increased emission of socially skilled behaviors (75%) and reduction of non-skilled behavior (25%). It is concluded that the intervention program was successful.

Keywords: Social skills; training skills; secondary intervention; playful tasks; rule-following.

¹ Universidade de Rio Verde

Atualmente há preocupação nas instituições educacionais no que tange ao déficit de habilidades sociais em crianças e adolescentes. Isso se deve, segundo Del Prette e Del Prette (2001), ao alto índice de problema socioemocional, habilidades sociais e competência social, experimentados por crianças e jovens no processo ensino aprendizagem. Em contexto escolar os conjuntos de desempenhos apresentados pelos indivíduos estão relacionados às questões interpessoais (Del Prette & Del Prette, 1999), que influenciam na determinação de comportamentos. Assim, nesse contexto são demandadas habilidades, que envolvem o relacionamento com os colegas (cumprimentar, elogiar, oferecer ajuda ou assistência); autocontrole (humor, regras, limites); habilidades com as atividades (se envolver com as atividades, realizando de maneira independente, seguir instruções); ajustamento (seguir regras e comportar-se de acordo com o esperado); e asserção (iniciar conversação, aceitar elogios, fazer convites) (Caldarella & Merrel, 1997).

O termo habilidades sociais é atribuído a diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social. Essa competência é denominada como a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para as demais pessoas por meio de um relacionamento saudável e produtivo (Del Prette & Del Prette, 2005).

O sucesso desse relacionamento pode ser auxiliado pelo processo de aprendizagem que se desenvolve desde a infância, colocando em destaque a necessidade de focalizar a atenção para o desenvolvimento das habilidades sociais de crianças (Caballo, 2003; Del Prette & Del Prette, 1999). A aquisição do repertório dessas habilidades pode ocorrer em função das interações existentes nos contextos naturais sem treinamento formal (i.e., ainda que nenhum treino

específico tenha sido programado). Exemplos desse treinamento são encontrados no relacionamento entre pais e filhos ou entre pares na escola (Murta, 2005). Vale destacar os relacionamentos entre pares, pois, segundo Del Prette e Del Prette (2005), esses são importantes para o desenvolvimento do adequado funcionamento interpessoal e proporciona oportunidades únicas para a Aprendizagem de habilidades específicas. Um dos efeitos da ausência de treinamento formal é o estabelecimento de déficit no repertório de habilidades sociais.

Quando o ambiente não favorece a adequação das habilidades sociais podem ocorrer diferentes tipos de déficits, tais como: déficit de aquisição, de desempenho e de fluência. Essas falhas quando não corrigidas a tempo, tornam-se obstáculos para a interação social produtiva; daí a importância da precoce identificação de problemas, e principalmente de adoção de medidas preventivas como um programa de treinamento em habilidades sociais. Somando-se a isso, faz-se necessário maior esclarecimento e orientação de pais e professores com relação à importância destas habilidades para a vida de seus filhos e alunos (Del Prette & Del Prette, 2008).

Programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) são treinamentos caracterizados por ensino formal, nas quais os participantes são expostos diretamente e de forma sistemática a eventos pré-programados para o estabelecimento e aperfeiçoamento da competência individual e interpessoal em situações sociais (ver Caballo, 2002; Del Prette & Del Prette, 1999). Programas de THS visam ainda à superação e/ou redução de déficits interpessoais, por meio da descrição de: repertórios comportamentais sociais, possíveis funções para dificuldades específicas e por apresentar diversos procedimentos de intervenção, especialmente para atendimentos em grupos no estabelecimento de tais habilidades (Bolsoni-Silva, 2002). Esses programas também auxiliam na minimização de fatores de risco à saúde, incrementam fatores de proteção ao desenvolvimento humano, tratam problemas já instalados passíveis de remissão e reduzem o impacto de déficits graves.

Rodrigues (2007) realizou um estudo no qual participaram 70 crianças freqüentadoras e seis educadores de uma instituição não-governamental na cidade de Goiânia. Foi realizada entrevista com os educadores, e foram constatados os momentos em que os comportamentos não habilidosos ocorriam, fatores

que prediziam a ocorrência desses comportamentos e possíveis consequências mantenedoras. Após as entrevistas, a pesquisadora realizou treinamento dos educadores sobre os conceitos básicos da Análise do Comportamento, por meio de indicação de literatura, procedendo em seguida à equalização de possíveis dúvidas dos educadores. Uma vez treinados, os educadores executaram as demais fases da pesquisa. Inicialmente foi realizada mensuração da linha de base dos comportamentos não habilidosos emitidos pelas crianças participantes. Para mensuração os educadores preenchiam o formulário de observação que constava sobre os tipos de comportamentos não habilidosos, tais como agressões verbais, agressões físicas e desobediência. A intervenção foi realizada em grupo, os educadores reforçavam socialmente comportamentos habilidosos, e além disso foram programados períodos de *time out*, nos quais as crianças emissoras de comportamentos agressivos foram afastadas das atividades recreativas. Após a primeira etapa de intervenção, retornou-se à linha de base, nas quais os comportamentos foram registrados, mas sem que consequências fossem liberadas. Por fim, regressou-se à fase de intervenção onde reforços positivos foram programados para comportamentos socialmente habilidosos e extinção contingente a comportamentos não habilidosos. Os resultados apontam para alta frequência de comportamentos não habilidosos durante as fases de linha de base e redução desses comportamentos durante as fases de intervenção. Após um mês, a pesquisadora realizou o *follow-up*, no qual se verificou a manutenção da baixa frequência de comportamentos não habilidosos.

O trabalho de Rodrigues (2007) é uma demonstração de como é possível reduzir a frequência de comportamentos não habilidosos socialmente por meio de técnicas de reforçamento operante. Além disso, a pesquisadora treinou os educadores, o que facilitou a manutenção dos comportamentos habilidosos, já que são os educadores que lidam cotidianamente com as crianças. A intervenção realizada pode ser classificada como intervenção secundária. Murta (2005) destaca três tipos de intervenções estabelecidas na literatura que são utilizadas para melhora do repertório de habilidades sociais,

(...) tais intervenções podem ser agrupadas em prevenção primária, prevenção secundária e prevenção terciária. Interven-

ções primárias são dirigidas a grupos ou pessoas expostas em fatores de risco, mas ainda não acometidos por problemas interpessoais e visam ao incremento de suas habilidades sociais, como um fator de proteção, de modo a minimizar a chance de ocorrência de problemas interpessoais futuros para estas pessoas e as que fazem parte de sua rede social mais próxima. Intervenções em prevenções secundárias são voltadas para grupos ou pessoas já sob efeitos de fatores de risco para problemas interpessoais, tais como crianças agressivas criadas por pais com problemas em práticas educativas parentais. Intervenções focadas em prevenções terciárias almejam minimizar consequências de déficits acentuados em habilidades sociais já instalados, sem pretensão de cura (...) (Murta, 2005, p. 283).

Outro trabalho de intervenção secundária foi realizado por De Salvo, Mazzaroto e Löhr (2005). Participaram do estudo nove crianças com idades entre 5 e 6 anos. Para verificar a ocorrência de comportamentos não habilidosos, as pesquisadoras utilizaram o inventário *Child Behavior Checklist* (CBCL), que foram respondidos pelos pais dos participantes no encontro de pré-intervenção. Foram realizados 11 encontros, um de pré-intervenção, 9 de intervenção e um de pós-intervenção. Durante esses encontros as crianças foram expostas a atividades lúdicas envolvendo a temática das habilidades sociais. Enquanto as crianças participavam das atividades, em outra sala os pais recebiam orientações em grupo acerca de habilidades sociais. Após os encontros de intervenção foi realizado um encontro de pós-intervenção no qual os pais novamente responderam ao CBCL. Os resultados aferidos apontam para alteração da percepção dos pais quanto aos comportamentos de seus filhos. Segundo os pesquisadores é possível afirmar que observou-se diminuição na percepção de comportamentos não habilidosos. O trabalho de De Salvo e colaboradores apresenta interessante contribuição ao utilizar tarefas lúdicas para o desenvolvimento de habilidades sociais. A utilização dessa estratégia é enriquecedora, pois promove o aumento do repertório de habilidades sociais ao mesmo tempo que as crianças interagem em tarefa não enfadonha. Esse tipo de situação aumenta a possibilidade

de adesão ao programa por parte das crianças.

Segundo Vasconcelos (2008), a utilização de histórias infantis aliadas a debates sobre os comportamentos dos personagens é rico recurso para o desenvolvimento de padrões de comportamento tais como comportamento verbal, e comportamento criativo, além de visão crítica da realidade. Considerando que filmes de animação possuem o mesmo potencial destacado por Vasconcelos, este estudo teve como objetivo ampliar o repertório de habilidades sociais de crianças utilizando treinamento em grupo, recorrendo a recursos lúdicos, tais como debates de cenas de filmes de animação e oficinas. A utilização desses recursos didáticos podem enriquecer o repertório da criança, com a descrição dos próprios sentimentos e pensamentos, com a originalidade e flexibilização do pensamento acerca de uma mesma situação, além de favorecer uma visão crítica da realidade, promovendo na vida adulta habilidades que favoreçam comportamentos adequados frente a situações de conflitos.

Método

Amostra

Participaram deste trabalho 163 crianças, com idade variando entre 7 e 10 anos, alunos do segundo ao quinto ano do ensino fundamental de duas escolas particulares do município de Rio Verde – GO. A Tabela 1 apresenta o número de crianças em cada série do ensino fundamental.

Tabela 1 - Distribuição dos participantes por escola, série e quantidade de participantes

Escola	Série	Quantidade de Participantes
A	4º	31
A	5º	32
B	2º	30
B	3º	30
B	4º	20
B	5º	21
Total		163

Material

Uma sala de aula cedida pela escola, cadeiras, mesas, quadro verde, papel, canetas, lápis, cartolinas, filmes, guloseimas (e.g., balas, waffers cobertos com chocolates, pirulitos).

Procedimentos

Este trabalho foi dividido em quatro etapas: levantamento de demanda dividido em entrevistas e linha de base, confecção do projeto de intervenção, intervenção e devolutiva institucional, como pode ser observado na Tabela 2.

Levantamento de Demanda

Foram realizadas 20 horas de observações em cada instituição para coleta dos dados. Destas, 15 horas (em cada classe de aula) destinadas à observação direta de comportamentos alvo e cinco horas para realização de entrevistas. O objetivo dessa fase foi o levantamento de possíveis demandas institucionais que se enquadrassem no campo de atuação do psicólogo escolar.

Entrevistas

Inicialmente foram realizadas entrevistas com membros da direção, servidores, docentes e discentes. Foram questionados junto à coordenação quais as maiores dificuldades encontradas, quais as maiores qualidades da instituição, tipos de trabalhos que poderiam ser desenvolvidos em conjunto com estagiários de psicologia. Os servidores responderam quanto às dificuldades encontradas para realização de suas atividades, problemas de relacionamento interpessoal com superiores, corpo docente e discente. Os docentes responderam sobre possíveis demandas, maiores dificuldades encontradas para realização de suas atividades e sugestões de trabalhos a serem realizadas pelos estagiários. Os discentes responderam sobre as dificuldades que enfrentam na escola, relações com professores e colegas de classe, além de versarem sobre as qualidades e benefícios da instituição.

Após as entrevistas, os estagiários confeccionaram relatórios com informações sobre elas. Nesses relatórios foram indicadas quais as demandas levantadas pelo

Tabela 2 - Etapas de realização do trabalho, objetivos, procedimentos e sessões

Etapa	Objetivo	Procedimento	Quantidade de Sessões	Duração das Sessões
Entrevistas	Averiguar possíveis demandas da instituição	Entrevista com Agentes educacionais, servidores e discentes	1 para cada entrevistado	60 Minutos ou encerramento de questões
Observação direta da linha de base	Mensurar a linha de base dos comportamentos alvo para comparação com os efeitos da intervenção	Registro cursivo categorizado de evento dos comportamentos	15 sessões para cada classe	45 minutos
Confecção do projeto de Intervenção	Estruturar a intervenção, explicitando objetivos, resultados esperados.	Levantamento bibliográfico, sessões de supervisões, apresentação e aceite do projeto pelos responsáveis pela instituição	-	-
Intervenção	Aumento da emissão de comportamentos socialmente habilidosos e redução da emissão de comportamentos não habilidosos.	Apresentação e debates de cenas de Filmes; Oficinas de Habilidade Sociais e Treino de seguimento de regras	11 Sessões para cada classe	120 minutos

entrevistado, as demandas inferidas pelos entrevistadores em função das respostas proferidas e possíveis relações entre as demandas de outros entrevistados. Em conjunto com o orientador do estágio foram analisados os relatórios das entrevistas. O processo de análise envolveu a leitura dos relatórios das entrevistas e discussão sobre os dados obtidos. Nessas reuniões para discussão das entrevistas estiveram presentes as três estagiárias e o supervisor. Cada estagiária lia o relatório da entrevista, seguido por suas colocações referentes aos dados. Após a leitura, as demais estagiárias debatiam sobre as informações repassadas relacionando com as demais entrevistas realizadas, além da possibilidade de intervenção de cada tema relatado durante as entrevistas. O supervisor participava dos debates deliberando possibilidades de análises funcionais, relatando estudos e intervenções presentes na literatura e quais possibilidades de atuação para equacionar as demandas. A conclusão das entrevistas foi de que comportamentos socialmente não habilidosos constituíam a principal demanda para intervenção.

Observação Direta dos comportamentos alvo (Linha de Base)

Tendo sido elencados comportamentos não socialmente habilidosos como alvo da intervenção, realizaram-se registros por meio de observação direta dos comportamentos alvos dos discentes. As sessões de linha

Tabela 3 - Operacionalização de comportamentos socialmente não habilidosos e contexto em que foi observado.

Operacionalização do Comportamento	Contexto
Não permitir colegas participar de atividades recreativas ou conversas	Recreio
Retirada de brinquedos ou objetos lúdicos da mão de colegas sem a ocorrência previa de comportamento verbal que autorizasse a retirada	Recreio
Emissões de mandos verbais sem possibilidade de negação por parte de colegas	Recreio
Persistir em falar quando o colega tapar o ouvido com as mãos	Sala de aula
Interromper a fala de um colega sem autorização para tanto	Sala de aula
Ameaçar emitir comportamentos com agressões físicas	Recreio
Engajar-se em atividades outras quando um colega estiver falando	Sala de aula e Recreio
Emitir verbalizações agressivas em função da fala de colegas	Sala de aula e Recreio

de base foram realizadas de segunda a sexta, durante duas semanas, uma sessão por dia com duração de 45 min., para cada classe de aula participante da intervenção. As sessões foram programadas de modo a contemplar diversas atividades dos alunos (e.g., aulas expositivas, recreação, aulas de informática, aulas de educação física, etc). Para registro foi desenvolvido protocolo de observação cuja técnica de registro cursivo categorizado de evento foi empregado. Os comportamentos foram categorizados como não habilidosos socialmente, socialmente habilidosos e outros. Os não socialmente habilidosos foram operacionalizados como: não permitir a colegas participarem de atividades recreativas ou conversas, retirada de brinquedos ou objetos lúdicos da mão de colegas sem a ocorrência prévia de comportamento verbal que autorizasse a retirada, emissões de mandos verbais sem possibilidade de negação por parte de colegas, descrições de outros comportamentos não socialmente habilidosos. Tais comportamentos podem ser encontrados na Tabela 3. Por outro lado, os comportamento socialmente habilidosos foram operacionalizados como: solicitar aos colegas brinquedos ou participação em atividades, agradecer por autorização, elogiar colegas, agradecer elogios, solicitar à professora para realizar idas ao banheiro, erguer a mão e aguardar autorização para falar ou fazer solicitações, emitir mandos acompanhados de autoclíticos do tipo por favor, com licença etc. Por fim, a categoria outros

foi operacionalizada como comportamentos que não se enquadrassem nas categorias previamente descritas.

O protocolo de registro apresentava espaço para registro de outras informações, por exemplo, o local de registros (e.g., salas de aulas, cantinas, pátios, direção), tempo de observação (45 minutos) divididos em períodos de 5 minutos, espaço para registro de comportamentos (descrição do comportamento emitido), emissor do comportamento (quem emitiu o comportamento), parceiro (pessoa a qual o comportamento estava relacionado). Foram realizadas 15 sessões de linha base para cada classe de aula participante (ver Tabela 1). Para verificar a confiabilidade dos dados, durante 30% das sessões, isto é, cinco sessões, outra estagiária realizou registros de modo independente. Os resultados foram comparados para verificar o índice de acordo entre observador. Para calcular o índice de acordo, o total de acordo foi dividido o total de acordo somado ao total de desacordo. Os resultados encontrados chegam a 69% de concordância.

Confecção do projeto de intervenção

Após analisados os dados da etapa de observação sistemática e escolhida a demanda, as três estagiárias dedicaram 20 horas para confecção do projeto de intervenção em conjunto com o orientador do estágio. Em função da demanda institucional e as preferências

teóricas dos envolvidos no projeto, foi escolhido o Behaviorismo Radical como fundamentação teórica que embasou o projeto de intervenção. A confecção do projeto de intervenção possuiu 4 etapas, levantamento bibliográfico, construção do procedimento, apresentação do procedimento à direção da instituição e consentimento para realização da intervenção por parte do responsável institucional. Na etapa de levantamento bibliográfico, foram realizadas pesquisas de artigos e trabalhos desenvolvidos acerca da demanda e supervisões com o supervisor para discussão dos trabalhos encontrados. Ao fim dessa etapa foi construída a introdução do projeto de intervenção. Após a construção da introdução desenvolveu-se o procedimento de intervenção. Por fim, o projeto foi apresentado à direção da instituição e colhida a assinatura de autorização para execução da intervenção na instituição.

Intervenção

Foram realizadas 22 horas de intervenção para cada classe, sendo 16 horas de apresentação e debates de cenas de filmes e 6 horas de oficinas. O procedimento de intervenção foi composto das seguintes etapas: exibição de cenas de filmes, debates com os participantes acerca do tema abordado nas cenas, oficinas para desenvolvimento de uma habilidade social. Após cada intervenção realizou-se a construção do relatório de intervenção. Cada sessão de intervenção ocorria semanalmente às quartas-feiras para a turma do quarto ano e às sextas-feiras para a turma do quinto ano da escola A, e às terças para as turmas de segundo e terceiro ano e quintas-feiras para turmas de quarto e quinto ano da escola B. Foi considerada uma sessão cada dia de intervenção a despeito da etapa realizada. Durante as sessões todos os participantes presentes interagem em grupo. Foi realizada observação direta dos comportamentos utilizando-se o mesmo protocolo descrito na etapa de linha de base. O objetivo foi comparar os efeitos da intervenção comparando com os dados da fase de linha de base. O mesmo procedimento para averiguação do acordo entre observadores foi realizado nesta fase.

Seleção de cenas de filmes: Os filmes *Happy Feet* (2006) e *Bee Movie* (2007) foram selecionados por atender aos seguintes critérios: ser destinado ao público infante-juvenil, possuir cenas que eram passíveis de discussão de temas que abordavam habilidades sociais. Para cada filme foi abordado apenas um tema; no filme

Happy Feet, foi utilizada como temática a diferença e a aceitação social. Já a película *Bee Movie*, envolveu a temática da possibilidade de conviver e aprender com pessoas diferentes. A seleção de cenas foi realizada pelas estagiárias em conjunto com seu supervisor. Cada cena foi analisada de modo a possibilitar o debate acerca de um comportamento ligado à habilidade social específica. Em caso de a cena apresentar mais de um comportamento socialmente habilidoso (ou a ausência deste) apenas um dos comportamentos foi escolhido para ser focado.

Apresentação e Debates das cenas de filmes:

Foram realizadas quatro sessões de exibição de cenas e debates de cada um dos filmes escolhidos. Assim foram realizadas um total de oito sessões de apresentação de cenas. No início de cada sessão uma estagiária contava a história do filme resumidamente. Em seguida exibia-se uma cena selecionada. Ao final de cada cena foi solicitado aos participantes discutirem o comportamento foco da cena. Para tanto, as interventoras questionaram se tal comportamento é socialmente habilidoso, se os participantes já haviam emitido ou observado alguém emitir o comportamento socialmente não habilidoso e os sentimentos envolvidos quando se emite ou é vítima desse tipo de conduta.

Quando algum participante emitia algum comportamento socialmente não habilidoso durante as atividades (e.g., interromper a fala de um colega sem autorização do outro ou das interventoras) as estagiárias questionavam ao emissor do comportamento se tal ação foi correta. Durante esse questionamento as estagiárias falavam de forma assertiva, porém com o rosto sem expressar emoções. O objetivo dessa medida foi contingenciar imediatamente comportamentos socialmente não habilidosos de maneira a suprimir tais condutas, além de oferecer modelo a como reagir frente a comportamentos não habilidosos de modo não agressivo. Também foi questionado à vítima como se sentiu frente ao comportamento do colega, além de debater com todos os participantes as implicações (i.e, consequências) de cada comportamento. Com isso, esperava-se que os participantes fossem ensinados a emitir comportamentos assertivos quando vitimizados por agressores.

Oficinas: As oficinas ocorreram na sessão imediatamente posterior à exibição das cenas de cada filme (i.e., as oficinas não foram realizadas imediatamente após a apresentação e debate de cenas selecionadas e sim de todas as cenas selecionadas do filme) em um dia diferente das sessões de apresentação e debates de cenas

de filmes. Cada oficina correspondeu a uma sessão cuja duração foi de 120 minutos. As oficinas foram planejadas e executadas de acordo com as propostas de oficinas contidas no livro *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância*, de autoria de Del Prette e Del Prette (2008), onde é possível encontrar descrição detalhada dos procedimentos das oficinas. A escolha obedeceu à temática correlacionada à sessão de apresentação e debate de cenas. Foram realizadas as seguintes oficinas: “Toda pessoa é diferente”; “gostando dos colegas” e “aprendendo a trabalhar em grupo”. A oficina “Toda pessoa é diferente” teve como objetivo melhorar a aceitação de si e do colega, desenvolver empatia, desenvolver tolerância à brincadeira dos colegas, desenvolver o respeito aos colegas. A oficina “gostando dos colegas” objetivou promover a reflexão sobre o sentimento de gostar, relacionar sentimentos e ações, exercitar a expressão de sentimentos, fazer amizades. Por fim, a oficina “aprendendo a trabalhar em grupo” teve como objetivo desenvolver o respeito, cooperar, dar opinião, partilhar, resolver problemas, esperar sua vez, etc.

Seguimento de regras e normas: Em decorrência da alta frequência de comportamentos socialmente não habilidosos em sala de aula estipulou-se a brincadeira “o mestre mandou”, que funcionou como tarefa complementar e ocorreu durante as sessões de apresentação e debates de cenas e oficinas, portanto, essa fase não corresponde a uma etapa de intervenção, e sim a um procedimento utilizado durante as sessões de intervenção. Esse procedimento teve como objetivo estabelecer regras (descrições verbais) e normas a serem seguidas durante as intervenções. Tais regras foram estabelecidas de acordo com a demanda de cada intervenção de forma cumulativa. Por exemplo, “Não pode...” conversar alto, levantar da carteira, desobedecer a interventora, fazer gracinhas (piadas ou comentários reprovativos) quando alguém estiver falando, fazer críticas aos colegas e “Devem...” levantar a mão e aguardar autorização para falar, ouvir atentamente o colega, aplaudir o colega após este terminar de falar. Foi afixado na parede frontal um cartaz com o nome de todos os participantes. Caso um participante não seguisse uma regra, um “x” era marcado à frente de seu nome na data correspondente à sessão. Ao fim da sessão participantes que não possuísem “x” à frente de seus nomes recebiam uma guloseima e participavam de um sorteio de um brinde (e.g., uma caixa de biscoitos). Participantes com apenas um “x” apenas participavam do sorteio. Participantes com dois ou mais “x” não

recebiam guloseimas e não participavam de sorteios. As estagiárias ao fim de cada sessão registravam as marcações de “x” e nomes correspondentes para obtenção de dados referentes à utilização desse procedimento.

Relatório: Ao fim de cada sessão de intervenção foi produzido um relatório da atividade e apresentado ao supervisor de estágio e à direção da instituição.

Devolutiva Institucional

Foi realizada a devolutiva institucional. Primeiramente foi debatido com o orientador a apresentação do relatório final à instituição. Após confecção do relatório final, foi realizado pelas estagiárias uma palestra ao coordenador sobre o tema proposto e os resultados obtidos durante a intervenção. As estagiárias ainda se colocaram à disposição da instituição para realizar alguma atividade (e.g., palestra, debates, participação no encontro do colegiado da instituição) como forma de agradecimento pelo espaço cedido para realização do trabalho.

Resultados

Durante as entrevistas os agentes educacionais relataram problemas interpessoais, como comportamentos agressivos, baixa tolerância a brincadeiras, sentimentos autodepreciativos, ausência de respeito a normas, e outros comportamentos não habilidosos socialmente. Os servidores verbalizaram dificuldade de interação com os discentes que não respeitavam regras e frequentemente entravam em conflitos físicos e verbais. Também relataram dificuldades em manter a escola limpa em função “da falta de educação” de todos. Os discentes declararam ter dificuldades em certas disciplinas, além de destacar os conflitos com colegas, apelidos pejorativos, exclusão de atividades recreativas. Os dados das entrevistas permitiram a consideração da intervenção focada em ampliar o repertório de habilidades sociais dos discentes, visto que a interação social sempre foi tema das entrevistas.

Foi realizada a etapa de mensuração de linha de base, para comparação dos efeitos da intervenção. A Figura 1 apresenta os resultados da linha de base dos comportamentos sociais não habilidosos. É possível observar que os participantes da escola A apresentam cerca de 55% dos comportamentos emitidos do tipo não socialmente habilidosos. No caso da escola B o índice chega a 75%.

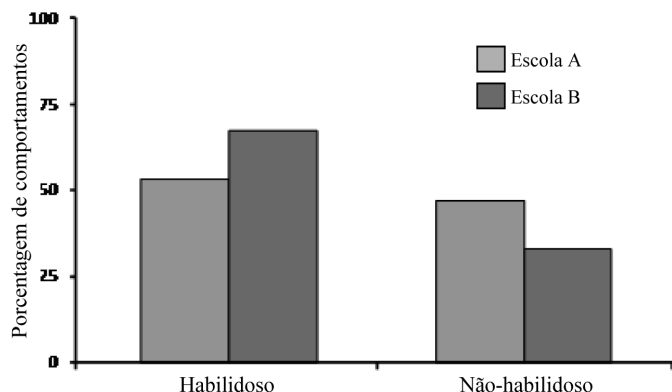


Figura 1 - Resultados da linha de base (observação sem intervenção) dos comportamentos socialmente habilidosos e não habilidosos.

Depois de realizada a observação dos comportamentos socialmente não habilidosos e habilidosos socialmente foi iniciada a fase de intervenção. O *Happy Feet* foi o primeiro filme cujas cenas selecionadas foram exibidas. Após a exibição de uma das cenas do filme, os participantes fizeram relatos acerca da temática envolvida. A seguir são apresentados alguns exemplos de relatos ocorridos: a participante Ilma (nome fictício¹) disse ter recebido críticas dos outros colegas quando chegou à escola com aparelho (externo) na boca. Cláudio relatou que deixa de fazer algo quando os amigos riem dele, como exemplo usar óculos. Marcos disse ter se sentido isolado no primeiro dia de aula na escola e de não gostar que os colegas o chamem de toquinho, pequeno. Andréia disse que não gosta de ser chamada de gigante. Alguns alunos expuseram situações em que práticas discriminatórias não afetaram o seu responder (i.e., a despeito de comentários depreciativos, não houve abandono da tarefa a ser realizada). Por exemplo, Joel, um dos menores garotos da sala, disse ter sido goleiro em um campeonato de futebol. Quando chegou para o jogo os colegas fizeram chacotas dizendo que iam marcar muitos gols naquele nanico, mas foi o goleiro menos vazado do campeonato. Foram várias as colocações feitas pelos participantes e Joel disse que as pessoas possuem defeitos, mas que é preciso olhar também as qualidades. Após esses relatos a interventora questionou se os participantes acreditavam que cada pessoa possuía qualidades. Eles afirmaram em conjunto que sim e individualmente relataram uma qualidade própria.

1 Todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios para preservação dos participantes.

Após a exibição das cenas do filme *Happy Feet* foi realizada a vivência intitulada “ninguém é igual a ninguém” proposta por Del Prette e Dell Prette (2008). Foi solicitado aos participantes que fizessem duplas e escrevessem o que mais gostavam em si e no colega. É possível observar nas Figuras 2 e 3 que vários alunos do 4º ano têm preferências pelo cabelo, seguido pelos olhos, ficando em terceiro lugar uma característica psicológica, que é o jeito de ser. Ficou bastante evidente a importância que estes participantes dão à aparência. Esse dado revela a supervalorização da autoimagem, essa valorização pode indicar que reforços sociais relacionados a comportamentos de se embelezar sejam mais frequentes do que reforços sociais produzidos por comportamentos habilidosos socialmente. Sendo assim, pode-se especular que haja entre as crianças uma cultura que valoriza mais aspectos físicos do que habilidades sociais.

Quando questionados sobre o que mais gostam no colega, os participantes continuam a dar ênfase em aspectos da aparência, como pode ser observado na Figura 3. Porém nota-se aumento na valorização de aspectos comportamentais (e.g. “ser legal, “jeito de ser” e animação). Os resultados apresentados do grupo 4º ano escola A é representativo do que foi observado nos demais grupos de ambas as escolas. Esses dados aumentam a suspeita da cultura que supervaloriza aspectos físicos. O aumento na valorização de aspectos comportamentais aponta para a possível sensibilidade a reforçadores sociais relacionados a habilidades sociais.

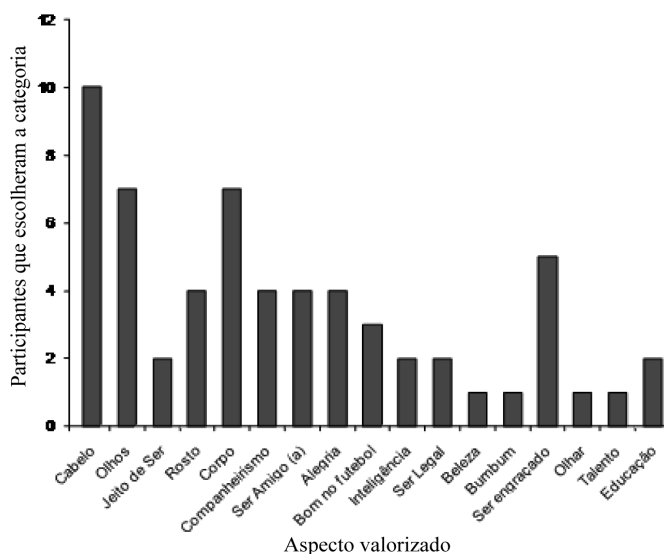


Figura 2 - “O que mais gosto em mim”. Resultados referentes a oficina “Ninguém é igual a ninguém” do grupo 4º ano escola A.

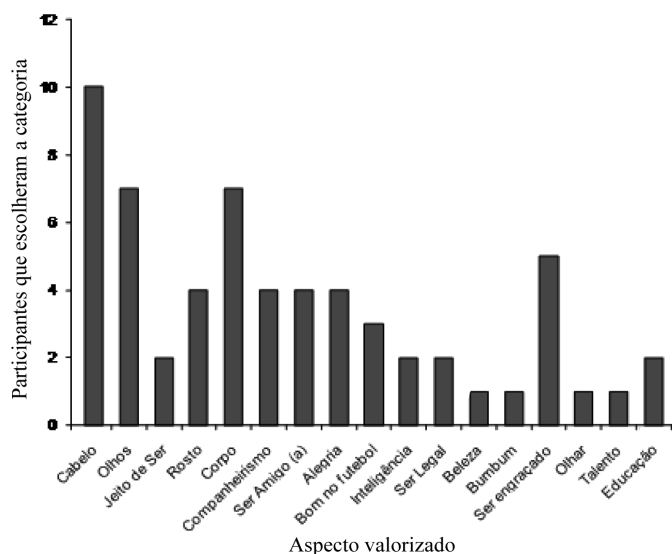


Figura 3 - “O que mais gosto em meu colega”. Resultados referentes a oficina “Ninguém é igual a ninguém” do grupo 4º ano escola A.

Após a construção das Figuras 2 e 3, as interventoras apresentavam os resultados aos participantes, e sugeriram que fossem feitas reflexões sobre as características físicas e comportamentais (e.g., foi questionado aos participantes se amigos devem ser escolhidos por questões físicas ou pela maneira que se comportam”). Em conjunto ao questionamento os dados da figura foram explicados aos participantes (e.g., maior índice de votos foi para os cabelos versus “ser legal” apareceu em segundo lugar com sete votos). Após ouvir os relatos dos participantes quanto a reflexão as interventoras questionaram a cerca de que tipo de característica gostariam de melhorar em si. Isto é, se preferiam mudar aspectos físico ou comportamentais. Os participantes em geral relataram optar por mudanças comportamentais dado que é esse aspecto que em geral é mais valorizado pelo outro. Esses resultados demonstraram a necessidade do desenvolvimento de atividades que lidem sobre as diferenças e a importância de aceitá-las nos colegas em nosso convívio cotidiano.

As atividades realizadas com as cenas do filme *Bee Movie*, objetivou instigar discussões acerca das possibilidades de conviver e estabelecer relações interpessoais de melhor qualidade. Essa discussão permitiu o debate acerca de diversos temas tais como: respeito as diferenças, saber ouvir, percepção, relacionamento. A cena que mais chamou a atenção foi a explorava a temática agradecimento e as dificuldades que os participantes tinham de agradecer e/ou elogiar

pessoas do convívio direto (e.g., mãe, professora, amigos). A partir dos relatos feitos pelos participantes foi realizada a oficina “gostar ativo” em que primeiramente os participantes relataram como devemos proceder para que o nosso gostar se torne visível. Todos contribuíram com exemplos para que a discussão fosse feita (e.g., elogiando, sendo educado, convivendo, sendo amigo, sendo atencioso, compreendendo, sendo carinhoso, ajudando, sendo gentil, sendo legal, brincando, compartilhando momentos, dando atenção). Os resultados da oficina revelam que os participantes conhecem regras sociais, entretanto os dados da linha de base demonstram que o mero conhecimento não foi suficiente para que o comportamento habilidoso socialmente ocorresse. Assim é necessário não apenas o conhecimento a cerca de regras sociais, mas também ambiente que oferte reforçadores que mantenham comportamentos que componham a classe de comportamentos socialmente habilidosos.

Após todos relatarem sua opinião as interventoras mostraram cinco formas de tornar o nosso gostar visível (e.g., fazer alguma coisa por alguém que gostamos; dizer para uma pessoa que gostamos dela; compartilhar o sucesso ou alegria com alguém; incentivar a pessoa que gostamos; dar opinião sincera e honesta para a pessoa). Os participantes deram exemplos de como podem fazer tais procedimentos (e.g., ajudar o pai e a mãe). O modelo proferido pelas estagiárias parece ter sido efetivo em evocar comportamentos verbais sobre como proceder para produzir reforçadores sociais. Para garantir que houvesse correspondência entre o dizer e fazer dos participantes foi feito treino de elogio e agradecimento em que todos os alunos elogiaram ou agradeceram um participante. Cada participante escolheu um colega de grupo, se aproximou do colega e olhando nos olhos deste emitiu um elogio. O colega elogiado agradeceu e escolheu outro participante para elogiar. Foi estabelecido que não era permitido escolher um participante que já houvesse sido elogiado. A função dessa regra foi garantir que todos pudessem ser elogiados. A atividade foi realizada com sucesso todos verbalizaram ter gostado de participar. Como já apontado anteriormente, é importante que haja ambiente que libere reforços para manutenção do comportamento habilidoso. Assim, não basta estabelecer verbalizações sobre como se comportar, mas também promover treinos nas quais hajam contingências para que o comportamento ocorra e seja reforçado.

Durante a terceira sessão interventiva foi detectado a necessidade de se registrar as ocorrências de comportamentos não habilidosos socialmente emitidos durante as intervenções. Para isso, a partir da quarta sessão foi realizado o treino de seguimento de regras. A Figura 4 apresenta os resultados da técnica de intervenção o “mestre mandou”. Observa-se por meio dos resultados, que de modo geral é possível afirmar que, ao longo da utilização da técnica as ocorrências simples e duplas diminuíram. Também é possível afirmar que houve aumento na quantidade de participantes que terminavam as sessões sem nenhuma ocorrência. Esses resultados permitem concluir que a técnica utilizada suprimiu comportamentos não socialmente habilidosos. Os dados apresentados na Figura 4 referem-se aos resultados dos participantes do grupo 4º da escola A. Esses resultados são representativos do que ocorreram nos demais grupos.

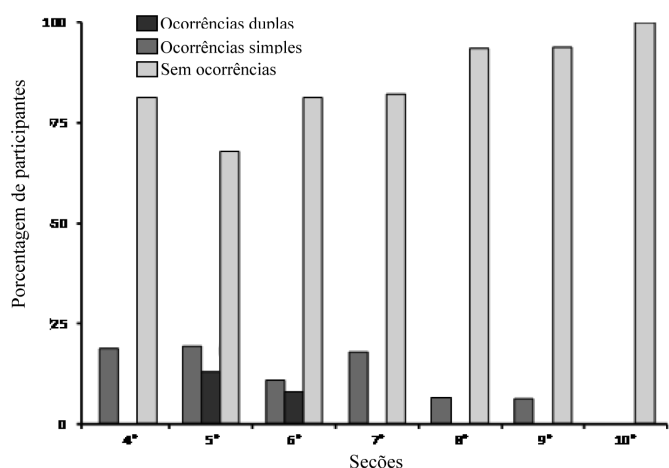


Figura 4 - Desempenho dos participantes (em %) quanto a ocorrência de “x” na tarefa o mestre mandou do grupo 4º ano da escola A.

A Figura 5 exibe os resultados aferidos da intervenção no que tange a ocorrências de comportamentos habilidosos e não habilidosos socialmente. Apesar de a figura apresentar os dados dos grupos 2º, 3º, 4º e 5º da escola B, esses dados representam o que ocorreu nos demais grupos. É possível notar que para três dos quatro grupos houve redução gradual de comportamentos não habilidosos socialmente. A exceção foi o grupo 5º EB, em que os comportamentos não socialmente habilidosos se mantêm constante ao longo das sessões tendo queda abrupta na última

sessão. Esses resultados novamente exibem o sucesso da intervenção realizada para supressão de comportamentos não habilidosos socialmente e aumento/manutenção de comportamentos socialmente habilidosos.

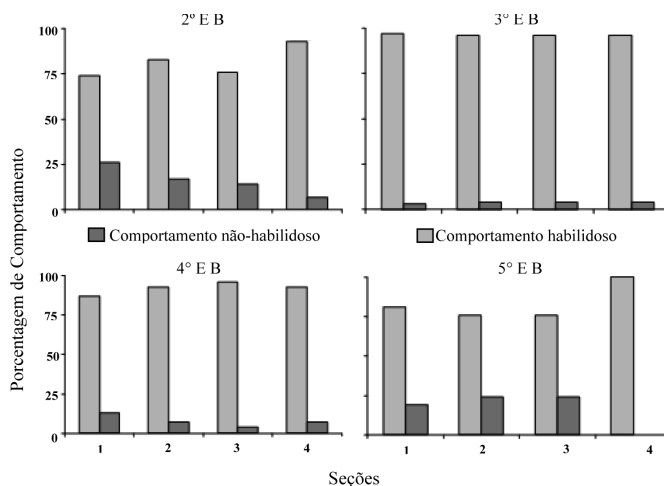


Figura 5 - Comportamentos socialmente habilidosos e não habilidosos emitidos pelos participantes de cada grupo da escola B.

Considerações Finais

Del Prette e Del Prette (2008) afirmam que, com a entrada na escola, a criança passa a transitar entre dois microsistemas, família e escola, e a última, por sua articulação e interdependência, constitui um sistema mais amplo, com normas e expectativas comuns e outras próprias a cada participante. A escola constitui um espaço essencialmente interativo e reconhecidamente relevante para o desenvolvimento interpessoal da criança, portanto surgem nesta etapa, várias intercorrências com o outro, que se não for trabalhada pela escola pode causar alguns prejuízos, pois segundo os mesmos autores, existem estudos empíricos, que demonstram correlações significativas entre a competência social da criança e seu rendimento acadêmico, juntamente com as evidências de efeitos benéficos da promoção da competência social sobre o desempenho acadêmico, têm levado à caracterização de um conjunto de “habilidades sociais acadêmicas” vistas como pré ou co-requisitos do sucesso escolar, justificando um maior investimento da escola no desenvolvimento interpessoal das crianças.

A utilização de cenas de filmes apresentou-se como estratégia eficaz para despertar o interesse dos participantes. As crianças permaneceram

engajadas na atividade proposta, realizaram verbalizações sobre as cenas apresentadas antes mesmo que as estagiárias solicitassem o debate. Alguns participantes ao encontrar com as estagiárias nos corredores da instituição questionavam quando seria o próximo encontro pois gostavam daqueles eventos. Durante a devolutiva foi informado pelos agentes educacionais responsáveis pela escola que alguns pais relataram que seus filhos após participar das atividades solicitavam ver o filme completo em casa e promoviam debates com seus responsáveis sobre os comportamentos dos personagens. Esses relatos evidenciam que a utilização de tarefas lúdicas promovem o engajamento dos participantes em treinos de habilidades sociais. Além disso, os resultados encontrados vão de encontro ao trabalho de De Salvo e colaboradores (2005) que utilizou tarefas lúdicas para ampliar o repertório de habilidades sociais de crianças pré-escolares, naquele estudo também se obteve sucesso na ampliação dos repertórios de habilidade social.

As oficinas também tiveram papel determinante nos resultados encontrados, por exemplo, durante a oficina “ninguém é igual a ninguém” foi possível estabelecer a relação entre as diferenças individuais que compromete bastante a relação interpessoal. Detectar essas diferenças e estabelecer comportamentos empáticos é de fundamental importância. Por tratar-se de uma habilidade, a empatia pode ser estimulada, segundo Del Prette e Del Prette (2005), essa habilidade faz com que as crianças identifiquem emoções sentidas por outra pessoa e é vista na Psicologia como a habilidade de colocar o foco na necessidade do outro e pode desenvolver-se por meio dos aspectos cognitivo, emocional e afetivo, durante todo período da vida da criança e do adolescente. Dessa maneira a criança pode identificar várias emoções, suas e de seu colega. Os benefícios que traz para a própria pessoa e para os que com ela convivem, favorecendo uma cultura da paz, justificam o cuidado e o desejo de incrementá-la.

A utilização de treino formal para o seguimento de regras com reforçadores contingenciados a essa se mostrou eficaz e útil para o treino de habilidades sociais. O sucesso desse treino está diretamente relacionado à utilização correta de reforçadores. Neste estudo, os reforçadores foram contingentes aos

comportamentos de seguir a regra, o que promoveu o estabelecimento da classe de comportamentos seguir regra. De mesmo modo, no trabalho de Rodrigues (2007) a utilização correta e precisamente contingenciada de reforçadores positivos aliados a time out e extinção promoveram a redução de comportamentos não habilidosos. É possível afirmar, portanto, que o presente estudo promove a generalização dos resultados do estudo de Rodriguez, já que a utilização de reforçadores de maneira correta e contingente promoveu a ampliação do repertório de habilidades sociais. Vale ressaltar ainda, que o treino de seguimento de regras respeitou a proposta do trabalho, uma vez que, foi utilizada uma tarefa lúdica “seguir o que o mestre mandar”. A utilização da tarefa lúdica parece ter funcionado de modo a reduzir a aversividade presente em situações nas quais o falante emite um mando. Segundo Skinner (1957) a emissão de mandos pode produzir a emissão de contra controle por parte do ouvinte. Nesse trabalho, a utilização de mandos não produziu nenhum tipo de contra controle por parte dos falantes. Os participantes estavam sempre sorrindo durante as atividades propostas e mesmo quando não seguiam a regra verbalizavam sorrindo que haviam quebrado a “ordem do mestre”.

O presente trabalho não realizou o *follow up* para verificar a persistência e a generalização dos comportamentos de seguimento de regras e habilidades sociais. Esse tipo de verificação foi realizada por Rodrigues (2007). É recomendável em trabalhos dessa natureza que seja realizado o *follow up* de modo a verificar a persistência dos efeitos encontrados durante a intervenção. A não realização dessa fase ocorreu em função de questões institucionais (o período letivo estava próximo ao fim). Foram realizadas entrevistas com professores e administradores da instituição para verificar se durante o processo de intervenção os comportamentos trabalhados haviam sido generalizados para situações naturais, como aulas, atividades recreativas, etc. Segundo os resultados não se pode afirmar que houve generalização. Uma possível explicação seria a distância entre o ambiente natural e o ambiente de intervenção. Seria interessante que ao longo das intervenções fosse programado alterações para que cada vez mais, o ambiente interventivo se

assemelhasse ao ambiente natural. Novamente, não foi possível testar esse procedimento em função da proximidade do fim do período.

É importante salientar que habilidades sociais ainda é um assunto complexo e multifacetado. São necessárias mais pesquisas, de modo a subsidiar a elaboração de programas de cunho interventivo com pais, professores e profissionais de diversas áreas de tratamentos de crianças e adolescentes, com a finalidade de prevenir e reduzir os principais problemas psicológicos infantis, evitando efetivamente as dificuldades de socialização escolares e a delinquência juvenil.

Referências

- Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(2), p. 233-242.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Caballo, V. E. (2002). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo. Editora Santos.
- Caldarella, P., & Merrell, K. (1997). Common dimensions of social skills of children and adolescents: A taxonomy of positive behaviors. *School Psychology Review*, 26, 264-278.
- De Salvo, C. G.; Mazzarotto, I. H. K., & Löhr, S. S. (2005). Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15, 46 -65.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. D. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: terapia e educação*. Petrópolis. Editora Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia, Educação e Trabalho* (4ª. ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática*. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.
- Murta, S. G.. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. *Psicologia Reflexão & Crítica*, 18, 283-291.
- Rodrigues, A. M. P. L. (2007). *Comportamento antissocial infantil sob a perspectiva dos princípios da análise do comportamento*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia. Universidade Católica de Goiás, Goiás.
- Vasconcelos, L. A. (Org.). (2008). *Brincando com histórias infantis: Uma contribuição da Análise do Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens*. (2ª ed.). Santo André, SP: Esetec.

Endereço para correspondência:

Rua U-1 Quadra 09 Lote 33/34 apto 103 - Setor Universitário
 CEP 75909-280 - Rio Verde – GO
 E-mail: fhbaia@uol.com.br / renatanavespsico@gmail.com

Recebido em Novembro de 2010

Revisto em Março de 2011

Aceito em Abril de 2011

* Esta intervenção foi autorizada por membros responsáveis da Instituição na qual o trabalho foi performed e pelos responsáveis legais dos participantes envolvidos.